



# CARTA A UM FRANCÊS

Extrato (70021AEF)

Agosto-setembro, 1870 Locarno, (SUI)

Publicado em: La Solidarité, 20 agosto de 1870, Neuchâtel

Tradução: Luciana Brito

**H**á, nesse momento, em Paris, duas coisas que entravam a revolução: de um lado, entre os bonapartistas, o patriotismo ocultando a reação e servindo de pretexto às medidas mais despóticas; de outro lado, entre os revolucionários, o medo - pueril, penso eu - de que a revolta sirva à invasão estrangeira. Os deputados radicais mostraram ser o que são, criadores de frases, bastardos saudosos dos Jacobinos de 1793. Eles não souberam, não se atreveram a tomar o poder. A audácia e a inteligência para lidar com a situação também lhes faltaram. Ousaram fazer tagarelices ilegais, mas não realizar atos ilegais de salvação pública. O que eles deveriam ter feito? Deveriam ter imposto condições absolutas, como pareciam pretender fazer no início; depois, em caso de recusa da maioria, se retirar em massa, para não se solidarizarem com esse parlamento reacionário que só pode salvar Napoleão e que deve perder a França. Por esta retirada coletiva, mesmo se houvesse apenas vinte deles, teriam estigmatizado a Casa aos olhos de toda a França, e nesse momento toda a França estaria com eles. Em vez disso, o que é que eles fizeram? Permaneceram por patriotismo, e a maioria imperialista, retomando cada uma das suas propostas, transformou-as em medidas reacionárias: no lugar de seu Comitê de

Salvação Pública, um ministério de ação, o Ministério Palikao; no lugar do armamento imediato e geral do povo, a incorporação de todos os franceses capazes ao exército, um crédito imenso aberto ao Estado imperial e o preço forçado pelo Banco - numa palavra, a salvação da França não por uma sublevação geral do povo, mas pelo reforço da já monstruosa máquina do Estado. Foi a isso que conduziu o radicalismo político dos jacobinos franceses. É por isso - e não sei se compartilharão dos meus sentimentos sobre isso - que, apesar de todo o meu ódio pelos passatempos prussianos, pelas fanfarrônicas insuportáveis e o patriotismo unitário dos alemães, por Bismark e por seu rei, eu desejo vivamente que os franceses sejam derrotados mais uma vez.

Mas, supondo uma nova derrota dos franceses, se por um lado é certo que será a queda de Bonaparte, parece-me igualmente certo que os parisienses não farão uma revolução radical, mesmo na esfera política. Haverá um governo provisório de conciliação, onde Thiers dará as mãos a Gambetta, e o General Trochu as dará a Pelletan ou Jules Simon ou Keratry, e esse governo terá apenas um programa, manter a ordem. Não será Paris que poderá tomar a iniciativa da verdadeira revolução desta vez, a iniciativa pertencerá às províncias. #



# CARTA A UM FRANCÊS (CONTINUAÇÃO)

Continuação (70021BEF)  
25-26 de agosto, 1870. Locarno (SUI)  
[nota de Guillaume: falta a primeira parte]  
Tradução: Luciana Brito

**C**onsideremos novamente a situação geral. Acredito ter provado, e os eventos não tardarão a provar melhor do que eu fui capaz de fazer:

Que nas condições em que a França se encontra atualmente, a França já não pode ser salva pelos meios regulares da civilização, do Estado. Ela só pode escapar à decadência por um esforço supremo, por um imenso movimento convulsivo de toda a nação, pela sublevação armada do povo francês.

(a) Os prussianos, toda a nação alemã considerada como um Estado unitário, como Império - o que ela já é virtualmente - não pode redimir os imensos sacrifícios que ela já fez, nem se salvaguardar contra as vinganças futuras e mesmo próximas da França humilhada, insultada, a não ser esmagando esta última, ditando as condições de uma paz ruínosa para Paris.

(b) Nenhum Estado francês - império, reinado ou república - poderia existir nem por um ano depois de ter aceitado as condições desastrosas e desonrosas que os prussianos serão obrigados, pela força mesma das coisas, a lhes ditar.

(c) Então, o Governo provisório atual - Bazaine, Mac-Mahon, Palikao, Trochu - com seu conselho privado: Thiers-Gambetta - não pode, mesmo se assim o desejar, tratar com os prussianos enquanto restar nem que seja um deles no território da França. Como resultado, há entre todos es-

ses homens que representam quatro partidos diferentes - o império vergonhoso, o orleanismo direto (Trochu), o orleanismo indireto, ou melhor, a república burguesa e sobretudo militar como transição à restauração monárquica (Thiers e Trochu também, sem dúvidas, se a restauração direta se mostrar impossível) e a república burguesa (Gambetta e companhia) - uma trégua tácita. Eles puseram suas bandeiras no bolso e adiaram a luta entre os diferentes partidos para tempos mais pacíficos, dando-se as mãos hoje para a salvação da honra e da integridade da França.

(d) Todos eles são sinceramente patriotas do Estado. Separados em tantos pontos, eles estão completamente unidos num só: são todos igualmente políticos, homens de Estado.

Como tais, eles só têm fé em meios regulares, apenas nas forças organizadas pelo Estado, e um igual horror pela bancarrota que, de fato, é a ruína e a desonra do Estado, não da nação, não do povo; têm um horror pelas revoltas, pelos movimentos anárquicos das massas populares, que são o fim da civilização burguesa e a dissolução certa do Estado.

(e) Eles desejam, então, salvar a França por seus meios regulares e pelas forças organizadas do Estado, recorrendo o mínimo possível aos instintos selvagens da vil multidão, que ofendem a delicadeza requintada de seus sentimentos, de seu gosto e, o que é ainda mais grave, ameaçam sua posi-



ção e a própria existência da sociedade rica e privilegiada.

(f) No entanto, eles são obrigados a recorrer a ela porque a posição é muito séria e sua responsabilidade é imensa. A um poder formidável e magnificamente organizado, eles não têm nada a opor senão um exército meio destruído, e uma máquina administrativa que é abobada, estúpida, corrupta, apenas meio funcional, e incapaz de criar em poucos dias uma força que não foi capaz de produzir em 20 anos. Eles não seriam capazes de empreender ou fazer algo sério se não fossem apoiados pela confiança do público e assegurados pela devoção popular.

(g) Eles são, então, forçados a fazer um apelo a essa devoção. Eles proclamaram o restabelecimento da guarda nacional em todo o país, a incorporação dos guardas móveis ao exército e o armamento de toda a nação. Se tudo isso fosse sincero, eles teriam ordenado a distribuição imediata de armas para o povo em toda a França. Mas isso seria a abdicação do Estado, a revolução social pelo fato, se não ainda pela ideia, - e eles não a querem.

(h) Eles a querem tão pouco, que se tivessem que escolher entre a entrada triunfante dos prussianos em Paris e a salvação da França pela revolução social, não há dúvida de que todos, sem excetuar Gambetta e companhia, teriam optado pela primeira. Para eles, a revolução social é a morte de toda a civilização - o fim do mundo e, consequentemente, também da França. E é melhor, pensarão eles, ter uma França desonrada, diminuída, submetida momentaneamente à vontade insolente dos prussianos, mas com a esperança certa de se reerguer, do que uma França morta para sempre, como Estado, pela revolução social.

(i) Como políticos, eles enfrentaram, portanto, o seguinte problema: apelar ao armamento popular sem armar o povo, mas para aproveitar o entusiasmo popular para fazer entrar, sob diferentes denominações, muitos recrutas voluntários no exército; sob o pretexto do restabelecimen-

to da guarda nacional, armar os burgueses, excluindo os proletários, e especialmente os antigos soldados, a fim de ter uma força suficiente para se opor às revoltas do proletariado, encorajadas pela retirada das tropas; incorporar no exército os guardas móveis que são suficientemente disciplinados e diluídos, ou deixar desarmados aqueles que não são disciplinados e que mostram sentimentos vermelhos demais. Permitir a formação de corpos francos somente na condição de que sejam organizados e dirigidos somente por líderes pertencentes às classes privilegiadas: clubes de jóquei, proprietários nobres ou burgueses, em uma palavra, pessoas de bem.

Na ausência de um poder coercitivo para conter as populações, fazer servir a excitação patriótica destas populações, provocada tanto pelos acontecimentos quanto por suas confissões e suas medidas obrigatórias, para manter a ordem pública, propagando entre elas esta convicção falsa, desastrosa, de que para salvar a França do abismo, da aniquilação e da escravidão que a ameaçam os prussianos, as populações, embora permanecendo suficientemente exaltadas para se sentirem capazes dos sacrifícios extraordinários que serão exigidos pela salvação do Estado, devem permanecer tranquilas, inativas, confiando de forma muito passiva na providência do Estado e do governo provisório que tomou hoje a direção em suas mãos, e considerando como inimigos da França, como agentes da Prússia, todos aqueles que tentariam perturbar esta confiança, esta quietude popular, todos aqueles que gostariam de provocar a nação a atos espontâneos de salvação pública, - em uma palavra, todos aqueles que, justamente desafiando a capacidade e a boa-fé dos atuais governantes, querem salvar a França pela revolução.

(j) Há, por consequência, hoje, em todos os partidos, sem excluir os jacobinos mais vermelhos, e naturalmente também os socialistas burgueses, ambos ofuscados e paralisados pelo medo que lhes inspiram os socialistas revolucionários verdadeira-



mente populares - os anarquistas, ou por assim dizer, os Hebertistas do socialismo, que são tão profundamente odiados pelos comunistas autoritários, pelos comunistas de Estado, quanto pelos jacobinos e pelos socialistas burgueses - há, digo eu, entre todos esses partidos, sem excluir nem mesmo os comunistas de Estado, um acordo tácito para impedir a revolução enquanto o inimigo estiver na França, por duas razões:

A primeira é que não vendo a salvação para a França senão pela ação do Estado e no exagero excessivo de todas as faculdades e poderes do Estado, todos eles estão sinceramente convencidos de que, se a revolução eclodisse agora, ela teria como efeito imediato, natural, a demolição do Estado atual e como os jacobinos e os comunistas autoritários não teriam necessariamente o tempo e todos os meios necessários para reconstruir imediatamente um novo Estado revolucionário, ela entregaria a França aos prussianos, entregando-a primeiro aos revolucionários socialistas.

A segunda é apenas uma explicação e desenvolvimento da primeira. Eles temem e detestam igualmente os socialistas revolucionários, os trabalhadores da Internacional, e, sentindo que nas condições atuais a revolução cairia inevitavelmente, eles querem impedir a revolução com todas as suas forças.

(k) Esta situação singular entre dois inimigos, um dos quais - os monarquistas - está condenado a desaparecer, e o outro - os revolucionários socialistas - ameaça suceder, impõe aos jacobinos, aos socialistas burgueses e aos comunistas do Estado, uma dura necessidade: aquela de se aliarem secretamente, tacitamente, com a reação de cima contra a revolução de baixo. Eles não temem esta reação tanto quanto temem esta revolução. Visto que a primeira está excessivamente enfraquecida, a ponto de poder existir apenas com o consentimento deles, eles se aliam a ela momentaneamente e a utilizam de forma muito desleal contra a segunda.

Isso explica a reação violenta que, com

seu consentimento, reina hoje em Paris. Explica por que prenderam e ousam manter Rochefort ilegalmente na prisão. Você notou o silêncio de toda a oposição radical, e particularmente o silêncio de Gambetta, quando Raspail pediu a sua libertação? Somente o velho Crémieux pronunciou um miserável discurso jurídico, os outros, nem uma palavra. E ainda assim a questão era muito clara: tratava-se da dignidade e do direito de todo o corpo legislativo, da dignidade e do direito de representação nacional, cinicamente violado na pessoa do deputado Rochefort pelo executivo - o silêncio da esquerda republicana significava duas coisas: primeiro, que todos esses jacobinos detestam e temem Rochefort como um homem que desfruta, com ou sem razão, da simpatia e confiança da multidão da cidade - que todos, enquanto políticos, expressão favorita de Gambetta, estão muito contentes de ver Rochefort na prisão; e, em seguida, que existe uma tendência a não fazer oposição ao governo provisório atualmente existente em Paris.

(l) Esta resolução é ainda uma consequência natural de sua posição singular: tendo decidido que a revolução imediata seria desastrosa para a França, e portanto não querendo derrubar este governo (porque derrubá-lo sem revolução é impossível, sendo a maioria do corpo legislativo absolutamente reacionária de tal modo que, para mudar este governo, seria necessário primeiro dissolver violentamente o corpo legislativo), sendo obrigados (por assim dizer) a tolerar este governo que odeiam, os radicais são patriotas demais para querer enfraquecê-lo, porque este governo está agora encarregado da defesa da França, de sorte que enfraquecê-lo seria enfraquecer a defesa, as chances de salvação da França. Daí uma consequência necessária: os radicais são forçados a tolerar, a deixar passar em silêncio todas as intrigas, os atos mais iníquos, até mesmo os disparates mais fatais deste governo, pois é uma verdade reconhecida e mil vezes constatada e confirmada pela experiência de todas as nações,



que nas grandes crises do Estado, quando o Estado é ameaçado por imensos perigos, é melhor ter um governo forte, por pior que seja, do que a anarquia que resultaria necessariamente da oposição que lhe seria feita. Sem corrigir os vícios inerentes a este governo, a oposição e a anarquia que se seguiria enfraqueceriam consideravelmente seu poder, sua ação, e conseqüentemente diminuiria as chances de salvação para a França.

(m) Qual é o resultado? Que a oposição radical, duplamente acorrentada por sua repulsa instintiva ao socialismo revolucionário e por seu patriotismo, se anula completamente e caminha sem vontade na esteira deste governo, que ele reforça e sanciona por sua presença, por seu silêncio e às vezes também por seus elogios e pelas expressões hipócritas de sua simpatia.

Este pacto forçado entre os bonapartistas, os orleanistas, os republicanos burgueses, os jacobinos vermelhos e os socialistas autoritários, é naturalmente vantajoso para as duas primeiras partes, e em detrimento das três últimas. Se alguma vez houve republicanos trabalhando em benefício da reação monárquica, certamente foram os jacobinos franceses liderados por Gambetta. Os reacionários contra a parede, não sentindo chão sob seus pés, e vendo quebrar em suas mãos todos os bons e velhos meios, todos os instrumentos necessários da tirania do Estado, tornaram-se a esta hora excessivamente humanos e polidos - Palikao e o próprio Jerome David, tão insolentes ontem, são hoje de uma afabilidade extrema - eles enchem os radicais, e Gambetta sobretudo, de bajulações e todo tipo de demonstração de respeito. Mas, em troca destas cortesias, eles têm o poder. E a esquerda radical é completamente excluída.

(n) No fundo, todos aqueles homens que agora compõem o poder: Palikao, Chevrau e Jerome David de um lado - Truchot e Thiers do outro - finalmente Gambetta, aquele intermediário semi-oficial entre o governo e a esquerda radical, se odeiam do fundo do coração, e se consideram inimi-

gos mortais, desafiam profundamente um ao outro - mas enquanto fazem intrigas uns contra os outros, são forçados a caminhar juntos, ou melhor, são forçados a parecer que estão caminhando juntos. Toda a potência deste governo está fundada exclusivamente, hoje, sobre a fé das massas populares em sua harmoniosa, completa e forte unidade.

Como o governo só pode ser mantido pela confiança pública, é absolutamente necessário que o povo tenha uma fé, por assim dizer, absoluta nesta unidade de ação e nesta identidade de pontos de vista de todos os membros do governo; enquanto a salvação da França deve ser feita pelo Estado, somente esta unidade e esta identidade poderão salvá-la. É necessário, então, que o povo seja convencido de que todos os membros que compõem esse governo, esquecendo todas as suas dissidências e todas as suas ambições passadas, e deixando absolutamente de lado todos os interesses partidários, deram as mãos francamente para que hoje se preocupem apenas com a salvação da França. O instinto do povo sabe perfeitamente que um governo dividido, despedaçado em todas as direções, e cujos membros estão todos intrigados uns contra os outros, é incapaz de uma ação enérgica séria; que um tal governo poderá perder e não salvar o país. E se ele soubesse tudo o que se passa no seio do governo atual, ele o derrubaria.

Gambetta e companhia sabem tudo o que está acontecendo neste governo, são inteligentes o suficiente para entender que o governo é muito desunido e muito reacionário para empregar toda a energia exigida pela situação e para tomar todas as medidas necessárias para a salvação do país, e se mantêm em silêncio - porque falar isto seria provocar a revolução, e porque seu patriotismo, assim como seu burguesismo, repele a revolução.

Gambetta e companhia sabem que Palikao, Jerome David e Chévreau, aproveitando sua posição, fazem intrigas com Mac-Mahon e Bazaine, para salvar o Impé-



rio se for possível, e em caso de impossibilidade, para salvar pelo menos a monarquia, transformando-a em um reino com a dinastia dos Bourbons ou dos Orleans; eles sabem que o muitíssimo eloquente e parlamentar Trochu faz intrigas com o pai do parlamentarismo, Thiers, e com o taciturno Changarnier, para chamar de volta diretamente os Orleans. Gambetta vê tudo, sabe de tudo, mas ele os deixa agir, sendo ele mesmo patriota demais para se permitir até mesmo uma trama em favor da república. Ele empurra esta renúncia patriótica tão longe que até permite a seus novos amigos da reação Bonapartista, que se tornaram todo-poderosos desde que os acontecimentos mostraram sua impotência para governar a França, demolir e decapitar o partido republicano, suspendendo seus dois principais jornais, o *Reveil* e o *Rappel*, os únicos que ousaram dizer a verdade sobre os acontecimentos que se passam na França e aos habitantes da França.

A mentira oficial está agora mais do que nunca na ordem do dia em Paris e em toda a França. Toda a nação é cínica, sistemática e astutamente enganada sobre o estado real das coisas - no momento em que o exército francês é derrotado e mais da metade dele é destruído, enquanto os prussianos continuam sua marcha vitoriosa sobre Paris - Palikao vem falar sobre as vitórias de Bazaine no corpo legislativo, e todos os jornais de Paris, sabendo a verdade, repetem estas mentiras - sempre por patriotismo. Porque a palavra de ordem em todo o país é salvar a França com mentiras. Gambetta e companhia sabem de tudo isso, e não somente se calam, mas sancionam a mentira oficial pelas expressões hipócritas de uma confiança e de uma alegria que eles estão longe de experimentar. Por que eles fazem isso? Porque eles estão convencidos de que se o povo de Paris e de toda a França souber a verdade, ele se levantará em massa... isso seria a revolução; e por patriotismo assim como por burguesismo, eles não querem a revolução.

O armamento da nação decidido e trans-

formado em lei pelo Corpo Legislativo e pelo Senado, o das guardas nacionais e das guardas móveis não é feito de forma alguma. O povo francês permanece completamente desarmado diante da invasão estrangeira. Gambetta e companhia não podem ignorá-lo pois até mesmo os jornais reacionários de Paris o dizem. Aqui está o que diz "La Presse" de 24 de agosto:

"A guarda móvel mal está organizada em um terço dos departamentos; a guarda nacional sedentária não está armada em nenhum lugar, exceto em Paris" - e em outro artigo:

"Há tradições deploráveis nos escritórios da administração, regulamentações ultrapassadas. Vemos, de um lado, a rotina administrativa e, muitas vezes, a fraqueza de espírito de certos funcionários de alto escalão e, do outro lado, o entusiasmo ardente e resolutivo do povo (...) Os chefes de departamento, muito abaixo da gravidade das circunstâncias, parecem multiplicar os obstáculos e a lentidão por sua tediosa papelada e pela má recepção que dão ao povo"...

Isto é o que está acontecendo nas províncias; em Paris, ameaçada pelo mais terrível perigo, em Paris, sob os olhos destes covardes republicanos infames, é a mesma coisa. Eis o que encontrei em um discurso do 3º Distrito Eleitoral de Paris ao G. Trochu (em 23 de agosto):

"A administração rotineira, ciumenta e formalista parece opor uma força de inércia invencível às legítimas impaciências da população parisiense. Muitas inscrições nas listas da Guarda Nacional permanecem sem nenhum resultado. O armamento é feito com uma lentidão desesperadora e a organização dos quadros não parece ser das mais avançadas... Chamamos sua atenção, General, para este estado de coisas, que tem pouca relação com a seriedade das circunstâncias. É hora de fazer uso de todas as forças vivas da capital... Sem mais desconfiança, sem mais ódio, sem mais medo.."

Mas o G Trochu, assim como Palikao e Chévreaux, o Ministro do Interior, o jesuíta e o favorito da Imperatriz, têm um viés, de



acordo com sua situação, seus objetivos e suas opiniões: o de matar sistematicamente o ímpeto espontâneo da nação. Isto é evidente sobretudo nas medidas que tomaram e continuam a tomar a respeito da guarda móvel. Convencidos de que esta instituição, que deveria formar um intermediário útil entre o armamento popular e as tropas regulares, estaria infectada por um profundo sentimento antibonapartista e parcialmente republicano, a condenaram à morte, sem levar em conta os imensos serviços que ela poderia ter prestado naquele momento em defesa da pátria. Vimos o que foi feito com os guardas móveis reunidos em Châlons, assim como perto de Marselha. Agora, eis o que diz “La Presse”, o jornal reacionário. Depois de anunciar que os departamentos de Nièvre e Cher também acabam de ser sitiados, observa que “suas medidas têm se multiplicado nos últimos dias. O poder só deveria utilizá-las com muito discernimento” e, para ilustrar, ele conta o que aconteceu em Perpignan: “As eleições municipais haviam sido realizadas na França no mesmo dia em que chegaram em rápida sucessão as notícias dos desastres de Wissembourg e Forbac. O prefeito de Perpignan achou prudente, para não causar muita excitação aos espíritos, atrasar por 24 horas a publicação desta notícia - da profunda irritação das populações e mais tarde dos distúrbios que levaram à demissão dos guardas móveis”.

É evidente que é um posicionamento de não armar a nação, porque a nação armada é a revolução - e como Gambetta e companhia não querem uma revolução, eles estão silenciosamente deixando o governo reacionário agir.

Pressionados, sem dúvida, pela parte mais radical da população de Paris, que começa a entender a verdade e a perder a confiança e a paciência, Gambetta e companhia, apoiados pela esquerda e até mesmo, diz-se, pela centro-esquerda, fizeram um esforço supremo, exigindo que o governo aceitasse nove deputados como

membros do Comitê de Defesa de Paris. O governo reacionário, que havia notado imediatamente a emboscada, estava atento e não estava nada preocupado em ver estabelecido, sobre as ruínas de sua comissão militar, um Comitê de salvação pública, recusou absolutamente. Mas, por espírito de conciliação, a Imperatriz-Regente acaba de assinar no Conselho de Ministros, em 26 de agosto, um decreto que ordena que os deputados: Thiers, Marquês de Talhouet e Dupuy de Lôme e os senadores General Mellinet e Béhic façam parte do Comitê de Defesa de Paris - a raposa velha Thiers se fez de besta<sup>45</sup> - e o Sr. Gambetta e companhia ficarão em silêncio, sofrerão, porque se entregaram, acorrentados por seu patriotismo e por seu burguesismo.

Mas, enfim, o que eles aguardam? O que esperam? Com o que eles estão contando? Eles são traidores ou tolos? Eles fundaram todas as suas esperanças sobre a energia e o saber-fazer desenvolvidos, ao que parece, por Palikao e Chevreau na questão da organização de um novo exército, e sobre o gênio militar de Bazaine e Mac-Mahon.

E se Mac-Mahon e Bazaine forem novamente derrotados, o que é o mais provável, o que acontecerá?

Palikao e Chevreau, dizem, não contentes de ter dado um novo exército a Mac-Mahon, se ocupam agora da formação de um terceiro exército. Eles acabam de enviar dez comissários aos departamentos para agilizar o treinamento. Eles apresentaram (em 24 de agosto) ao Legislativo um projeto de lei, declarado urgente, chamando às armas todos os ex-militares entre 25 e 35 anos de idade, casados, todos os oficiais até 50 anos e todos os generais até 73 anos. Dessa forma, será formado, diz La Liberté, um novo e excelente exército de 275.000 soldados experientes. Sim, no papel.

Pois não se deve esquecer que aqueles que estão encarregados do treinamento não são comissários extraordinários daquela Convenção Nacional de 1793, que, treinados por eles mesmos e apoiados pelo

---

45 No original, “grand Betta”. Um trocadilho entre grand bêta (bobão) e Gambetta. (N. dos E.)



imenso movimento revolucionário que havia conquistado todas as populações, fizeram milagres. Não são os gigantes da Convenção Nacional, são os prefeitos, funcionários públicos e administradores de Napoleão III, ladrões e ineptos, que estão encarregados desta formação.

A imensa tolice, o grande crime e a grande covardia de Gambetta e companhia é não ter derrubado o Governo Imperial e não ter proclamado a República, há mais de 15 dias, quando a notícia da dupla derrota dos franceses em Fröschwiller (Wörth) e Forbach havia chegado a Paris. O poder estava no chão, só tinha que ser recolhido. Naquele momento eles eram todo-poderosos, os Bonapartistas ficaram consternados, aniquilados... Gambetta e companhia, aconselhados por seu próprio patriotismo e pelo de Thiers, tomaram o poder e o entregaram à Palikao - Estes retóricos, estes faladores de uma república ideal, estes bastardos de Danton, eles não ousaram. Eles se fizeram jus.

Desde aquele momento, tão propício e perdido para sempre, para os jacobinos, e não para a revolução social, tudo voltou para trás, com uma lógica desesperada. Há quinze dias, ninguém ousava pronunciar o nome de Napoleão, e se seus apoiadores mais devotados falavam dele, era apenas para insultá-lo. Hoje, isto é o que li em "La Presse" de 24 de agosto:

"O Imperador está em Reims com o Príncipe Herdeiro, com seu séquito, em uma encantadora vila da Sra. Sinard, a 4 quilômetros de Reims. É aqui que reside o Soberano! As outras Vilas do lugar são ocupadas por Mac-Mahon, pelo Príncipe Murat, etc. Os guias e os cem guardas acampam às portas do Castelo de la Molle, onde está o Príncipe Murat, etc., etc....

E aqui está o que diz o "Bund" - jornal semi-oficial da Confederação Suíça: "A direita (os Bonapartistas) parece querer enganar a população parisiense, até que os prussia-

nos venham sitiarem Paris. Então será tarde demais para fazer um movimento republicano - e mesmo que o Imperador não conseguisse manter a coroa, ela poderia ser passada para seu herdeiro"...

Ao mesmo tempo, o Príncipe Napoleon - Plomb plomb<sup>46</sup> - chega a Florença com uma missão extraordinária junto ao Rei da Itália, não da parte do ministério, mas diretamente de parte do Imperador Napoleão - como no passado - o que torna excessivamente difícil a posição dos jornais democráticos italianos que gostariam de tomar o partido da França revolucionária <ilegível> invadidos pelos soldados do despotismo alemão, e que não podem, porque ainda não veem uma França revolucionária, veem apenas uma França imperial, na qual existe o homem mais abominado da Itália, Napoleão III - Eis o que diz a respeito a Gazzetta di Milano de 26 de agosto:

"Os franceses continuam a evocar as gloriosas lembranças de 92. Mas, até agora, ainda não vimos nada na França que nos mostre estar vivo este grande povo que havia demolido a Idade Média, e o atual corpo legislativo representa ainda menos, nem mesmo em miniatura, aquele que soube criar a vitória em meio a tumultos e desencadeamentos revolucionários.

Como! Há quinze dias, ninguém ousa falar do Imperador, e se o faz, encontra a censura universal; há quinze dias, a Europa sabe que o Império caiu, fato que é confessado até mesmo pelos membros da família Imperial (parece que o Plomb Plomb se expressou neste sentido em Florença) - e este país generoso ainda não disse sua palavra, não construiu nada sobre as ruínas que foram feitas; ele deposita todas as suas esperanças em tal e qual indivíduo, não em si mesmo; e, enquanto isso, ele se submete a um governo que o administra em nome do Imperador, que o engana e o perde em nome do Imperador! - Com a melhor vontade do mundo, não podemos expressar

46 "Plon-plon" era o apelido de infância do príncipe Jérôme Napoléon, apelido utilizado mais tarde para o ridicularizar. A expressão "plomb plomb", de pronúncia idêntica, associa o apelido ao chumbo ("plomb") (N. dos E.).



nenhuma simpatia, nenhuma confiança neste país!”

Esses são os resultados aos quais levaram o patriotismo e o espírito político de Gambetta e companhia. Acuso-os do crime de alta traição contra a França, tanto no exterior como no interior, e se os Bonapartistas merecem ser enforcados uma vez, todos esses Jacobinos deveriam ser enforcados duas vezes.

Eles, evidentemente, traíram a França no exterior, porque por sua abnegação patriótica a privaram de um imenso apoio moral, - somente moral no início, mas muito material um pouco mais tarde. Se eles tivessem tido a coragem de proclamar a República em Paris, as disposições de todos os povos: italiano, espanhol, belga, inglês e até mesmo alemão teriam mudado imediatamente em favor da França. Todos, sem excetuar os alemães, a massa de trabalhadores alemães [Logo no início desta guerra, em todos os jornais socialistas alemães, em todas as reuniões populares realizadas na Alemanha, este pensamento havia sido aclamado unanimemente, “que se os franceses derrubassem Napoleão e sobre as ruínas do Império estabelecessem o Estado do Povo (Volskstaat) a nação alemã inteira seria por eles”] teriam ficado do lado dela contra a invasão prussiana. E é alguma coisa, este apoio moral de nações estrangeiras. Os jacobinos de 1793 sabiam disso, não duvidavam que este apoio constituía pelo menos metade de seu poder. - A revolução teria conquistado imediatamente a Itália, a Espanha, a Bélgica, a Alemanha e o rei da Prússia, preocupado com seu traseiro por uma revolução alemã mais ainda do que por um exército francês, teria se encontrado em uma posição verdadeiramente lamentável. Mas eles não ousaram, esses bastardos de Danton, e todos os povos, enojados com tanta tolice, covardia, fraqueza, não têm pela nação francesa nada mais do que piedade misturada com desprezo.

Os jacobinos traíram a França internamente, porque ao proclamar a república, sobre as ruínas do regime imperial, eles a

teriam eletrificado e ressuscitado. Eles não ousavam, acharam muito patriótico, muito prático não ousar nada, não querer nada, não fazer nada... e por isso mesmo, eles se tornaram culpados de um crime abominável: Eles deixaram de pé; sustentaram com suas mãos o edifício imperial que caía. Foram eles mesmos as vítimas de uma ilusão que prova sua tolice: porque todos ao seu redor haviam dito: “O Império caiu”, eles pensaram que realmente tinha caído, e acharam prudente manter o simulacro por mais alguns dias, a fim de conter o principal objeto de seu ódio: os revolucionários socialistas. Disseram a si mesmos: “Agora somos os senhores, sejamos políticos, práticos e prudentes, para impedir a fatal libertação do populacho vil!”

E enquanto raciocinavam assim, os reacionários, primeiro os Bonapartistas e com eles os Orleanistas, espantados de ainda estarem vivos, de não terem decorado as lanternas de Paris com seus corpos, respiraram, depois recuperaram a coragem, e considerando bem seus novos mestres, e percebendo que eram apenas professores de retórica e dos burros, acabaram por se sentar sobre eles. Eles têm toda a administração, a velha administração em suas mãos, todos os meios de ação, - e se é verdade que o Imperador viaja, o Império, o estado despótico e mais centralizado do que nunca, está de pé. E armados com toda essa potência, aumentada pelo impulso do patriotismo nacional desleal, eles estão hoje esmagando tanto Paris quanto a França.

Eles não ousaram colocar um cerco em mais do que - [A frase está inacabada]. E enquanto os jornais reacionários, como La Presse, por exemplo, exclamam hipocritamente: “Graças a Deus o povo francês tomou em suas mãos o cuidado da defesa do solo nativo... Os cidadãos chegaram a um acordo, consultam-se, organizam-se... Não é mais o governo sozinho que é responsável por cuidar dele, somos nós mesmos..”. a tripla encarnação daquilo que há de mais canalha no regime de Napoleão III: Palikao, Chévreau e Jerome David, serviram



fielmente nesta questão a todos os prefeitos e subprefeitos de Napoleão III, todos eles permaneceram no lugar, cobriram todo o país com uma rede de compressão mais reacionária do que nunca e o reduziram a uma imobilidade quase absoluta, a uma passividade não muito diferente da morte.

Foi assim que o patriotismo dos Jacobinos traiu e perdeu a França. - Sim, perdeu, pois se a revolução social, ou a sublevação imediata, anárquica do povo francês não vier para salvá-la, ela está perdida.

Palikao e Chévreau, diz-se, assim como o Comitê de Defesa de Paris com Trochu à frente, empregam uma atividade enérgica, admirável e incansável para a organização dos meios de defesa. Que seja - Mas não estão os prussianos, por sua vez, também se organizando com atividade e energia surpreendentes?

Pois, para os prussianos, não se enganam, assim como para os franceses, o resultado triunfante ou desastroso desta guerra é uma questão de vida ou morte. Ao falar dos prussianos me refiro naturalmente à monarquia, o rei e Bismark, seu primeiro-ministro, com toda aquela massa de generais, tenentes e pobres soldados que os seguem. É certo que a Monarquia Prussiana partiu para o tudo ou nada. Apostou seus últimos recursos de dinheiro e homens, os últimos recursos da Alemanha.

Se os exércitos alemães fossem derrotados, nenhum dessas centenas de milhares de soldados que puseram os pés em território francês voltariam vivos para a Alemanha. Portanto, eles devem vencer e triunfar até o fim para se salvarem. Eles não podem sequer retornar após vitórias infrutíferas, sem trazer consigo uma grande compensação material pelas imensas perdas que tiveram e que fizeram a Alemanha sofrer. Se o Rei da Prússia voltasse à Alemanha de mãos vazias, só com glória, ele não reinaria um dia, pois a Alemanha lhe pediria que respondesse por seus milhares e dezenas de milhares de crianças mortas, mutiladas - e das imensas somas gastas nesta guerra ruínosa e estéril. Não se enganem, a

paixão nacional dos alemães subiu ao seu mais alto nível, ela deve ser satisfeita, ou então cair. Haveria apenas uma maneira de desviá-la, e essa seria a revolução social; mas esse é um meio com que muito provavelmente o Rei da Prússia não se importa muito, e não podendo usá-lo, não podendo desviar a paixão patriótica, unitária e vaidosa dos alemães, eles devem satisfazê-la - e ele só pode satisfazê-la em detrimento da França, tirando dela pelo menos um bilhão, e duas províncias: a Lorena e a Alsácia, e impondo-lhe, para garantir contra sua futura vingança, uma dinastia, um regime e condições tais que ela ficaria enfraquecida, acorrentada e impedida de se mover por muito tempo. A imprensa alemã é unânime neste ponto - e ela tem mil vezes razão - que a Alemanha não pode fazer a cada dois anos sacrifícios indevidos para manter sua independência (contra a ambição da França). Portanto, é absolutamente necessário que a nação alemã, que pretende ocupar hoje a posição dominante da França na Europa, reduza a França precisamente ao estado em que esta potência manteve a Itália até agora - para torná-la um vassalo, um vice-reinado da Alemanha, do grande império alemão.

Tal é a situação do Rei da Prússia e de Bismark. Eles não podem retornar à Alemanha sem ter arrancado da França duas províncias, um bilhão, e sem ter imposto a ela um regime que lhes garanta sua resignação e submissão. Mas tudo isso só pode ser arrancado da França em Paris. Os prussianos são, portanto, obrigados a tomar Paris. Eles sabem muito bem que não é nada fácil. Assim, eles fazem esforços incriveis para dobrar seu exército, a fim de literalmente esmagar Paris e a França. Além disso, enquanto a França está se organizando, a Prússia também não está dormindo - ela também se organiza.

Vejam agora, qual destas duas organizações promete os melhores resultados?

Comece notando a respectiva posição e força dos exércitos envolvidos.

Bazaine fechado em Metz, não importa



o que digam, não tem – segundo a confissão dos jornais de Paris - mais de 120.000 homens. Acredito que ele mal tem 100.000 homens - mas vamos dar-lhe os 120.000 homens. Em que posição eles se encontram? Trancados em Metz por um exército de pelo menos 250.000 homens, (por dois exércitos: aquele de Príncipe Frederico Carlos e de Steinmetz que se reuniram e aos quais veio a se juntar o corpo de reserva de Herwart von Bittfeld (50,000 h.) e o exército do Norte comandado por Vogel von Falkenstein (pelo menos 100.000 - digamos 50.000) que juntos dariam 100.000 [ilegível] tropas frescas. E como no início da guerra, o Príncipe Frederico Carlos tinha 180.000 soldados e Steinmetz 100.000 - 280 mil no total - supondo que até mesmo a perda desses dois exércitos seja estimada em 80.000 homens, o que é enorme - deve-se concluir que o exército alemão, agora reunido em torno de Metz, é de pelo menos 300.000 homens. Mas suponhamos que sua força seja de apenas 250.000 homens. Isso certamente é o dobro, mais do que o dobro do tamanho do exército de Bazaine.

Bazaine não pode ficar em Metz por muito tempo, ele e seu exército morreriam de fome e eventualmente teriam que se render devido à inanição e à falta de munição. Ele deve absolutamente abrir uma passagem através do exército inimigo, duas vezes mais numeroso. Por duas vezes ele tentou e por duas vezes foi repellido. É evidente hoje que a última batalha de 18 de agosto, em Gravelotte, foi para os franceses um exército desastroso - Derrotados, desanimados, abatidos, mal organizados, mal administrados e mal comandados (pois toda a energia de Bazaine não podia desfazer em poucos dias o mal que o governo de Napoleão havia feito durante 20 anos - administradores ladrões e incapazes, oficiais corajosos mas ignorantes, coronéis cortesãos, não podem ser subitamente substituídos por outros, tanto mais porque não se saberia de onde tirar estes outros) já começam a sofrer com a fome, porque não há dúvida de que todo o exército fechado em Metz já está re-

duzido à porção congruente - os 100.000 de Bazaine estão na presença de 250.000 alemães, todos satisfeitos pela pilhagem da Lorena e da Alsácia e pelos imensos suprimentos de todos os tipos que removeram dos 3 corpos de Frossard, de Du Failly e Mac-Mahon (eles tiraram deste último até mesmo sua chancelaria, seu tesouro e sua carteira), impondo milhões de contribuições em dinheiro e imensas contribuições em provisões de todos os tipos aos habitantes das cidades abertas. Encorajados, exaltados tanto por este saque quanto por suas vitórias, os alemães, ao contrário, estão em uma excelente disposição. São comandados por excelentes oficiais, sábios, conscientes, inteligentes, aguerridos - e nos quais a ciência e a inteligência militar são combinadas com uma devoção e uma disciplina de escravos em relação a seu líder coroado. Eles marcham para frente como escravos exaltados, conscientes e orgulhosos de sua escravidão, opondo-se à brutalidade ignorante dos oficiais franceses a sua brutalidade inteligente e erudita. Eles são comandados por generais igualmente inteligentes, e principalmente dois deles, o General Moltke e o Príncipe Frederico Carlos parecem estar entre os primeiros na Europa. Além disso, eles seguem um plano que foi meditado por muito tempo, combinado e que eles não tiveram necessidade de mudar até agora - enquanto o exército francês, tendo sido liderado a princípio sem um plano, sem uma ideia, - reduzido ao extremo, deve criar um para si mesmo, inspirado pelo desespero - o que exigiria pelo menos genialidade, e nem Bazaine nem Mac-Mahon, por excelentes generais que sejam, não são homens de genialidade. Não sei se Moltke é um homem de genialidade; mas é óbvio em qualquer caso que, na ausência de gênio, os prussianos têm a seu favor o estudo e a preparação e a execução inteligentes de um plano estabelecido que seguem sistematicamente, combinando grande ousadia com grande prudência. Todas as probabilidades são, portanto, a favor dos prussianos.



Diz-se que o exército que se reformou ou se formou novamente em Châlons tem a força de 150.000 homens. Eu não creio que tenha mais de 100.000. Mas supondo a força de 150.000 - O exército do Príncipe Herdeiro que avança sobre Paris e que já penetrou em Châlons tem a força de 200.000 homens. Em todo caso, é superior em número ao exército de Mac-Mahon, é também superior por sua organização, por sua disciplina, e especialmente por sua administração - o exército de Mac-Mahon deve ter todas as desvantagens de um exército recém-organizado. Ele acaba de abandonar Châlons para caminhar por Reims, Mézières e Montmedy para salvar Bazaine - prova de que Bazaine está em uma posição muito crítica e agora é incapaz de se libertar.

Através deste movimento estratégico, como é gloriosamente dito nos jornais parisienses, Mac-Mahon descobriu Paris. E não há mais dúvidas de que o Príncipe Herdeiro está marchando resolutamente sobre Paris, deixando ao seu primo, o príncipe Frederico Carlos, a Steinmetz e a Vogel v. Falkenstein o cuidado de manter em cheque os dois exércitos de Bazaine e Mac-Mahon, uma missão da qual, sem dúvida, não deixarão de escapar com honra, pois os três exércitos alemães reunidos e agindo em conjunto, dando um ao outro a mão, apresentam um número de combatentes superior ao dos dois exércitos de Mac-Mahon e Bazaine, contados juntos, exércitos que além do mais estão separados e que muito provavelmente nunca conseguirão se unir.

Enquanto esses três exércitos alemães mantinham os dois exércitos franceses em cheque, o príncipe real à frente de 150 e provavelmente 200 mil homens, marcha sobre Paris, que tem, para se opor a ele, apenas 30.000 soldados regulares, 12.000 soldados da marinha distribuídos nos fortes e 80.000 guardas nacionais mal armados.

Espero que Paris lhe oponha uma resistência desesperada - e admito que é somente sobre essa resistência que estou atual-

mente apoiando minhas propostas, meus projetos. Mas também sei que os prussianos são tão inteligentes e cautelosos quanto são audaciosos, que nunca avançam sem cálculo e sem ter preparado todos os elementos do sucesso. Além disso, Paris não está em poder da reação - e só Deus sabe quantos trapaceiros e traidores há a esta hora no meio de Paris, no próprio coração do Governo! Quem sabe se os prussianos não têm inteligências em Paris?

Em todo caso, é óbvio que do ponto de vista estratégico, tático, em uma palavra, da posição militar, todas as vantagens estão do lado dos prussianos, todas as chances são para eles - a ponto de poder ser provado matematicamente, considerando sempre a questão apenas do ponto de vista exclusivamente militar, que ambos os exércitos franceses devem ser destruídos e que Paris deve cair nas mãos dos prussianos.

Deixemos agora de lado o ponto de vista militar e consideremos esta luta gigantesca entre dois grandes Estados que lutam pela hegemonia na Europa, entre os impérios francês e alemão, do ponto de vista econômico, administrativo e político. Não há dúvida de que esta guerra é tão ruinosa para a Alemanha quanto para a França; mas também é certo que a posição econômica da Alemanha, a esta hora, é mil vezes melhor do que a da França. Já por esta simples razão de que a guerra está sendo travada não na Alemanha, mas na França. Em segundo lugar, porque a Alemanha é cem vezes mais bem administrada do que a França, que está sendo saqueada neste momento tanto pelos alemães como por seus próprios ladrões, pela administração imperial.

A boa organização das novas forças, cujo treinamento será sem dúvida imposto por esta guerra tanto à Alemanha quanto à França, depende da bondade, honestidade relativa, inteligência, energia, saber-fazer, boa experiência e atividade das administrações. Bem, a administração é, ao conhecimento de todos, relativamente excelente, a administração francesa detestável. Esta última representa o máximo de desones-



tidade, pilhagem, descuido e inércia - a outra, ao contrário, representa o máximo de trabalho consciencioso, da honestidade relativa, da inteligência e da atividade. A administração francesa, financeiramente desmoralizada por 20 anos de regime imperial, está ainda mais desmoralizada pelos desastres que acabam de atingir a França e pela agitação popular que foi consequência em todo lugar. Ela foi anulada desde que o regime imperial caiu de fato, senão de direito. Ela não acredita mais em sua própria existência, é um salve-se quem puder geral - e no meio desta confusão suprema, ela perdeu o pouco de cabeça, de coragem e de energia que tinha e reteve apenas uma faculdade: a de mentir e pilhar. A administração alemã, ao contrário, é toda eletrizada, é mais honrada, mais inteligente, mais enérgica e mais ativa do que nunca - e opera não no meio de um país invadido, mas no meio de um país tranquilo, cheio de boa vontade, apoiado pelo entusiasmo da população. Portanto, é óbvio que criará em menos tempo, mais e melhor do que a administração francesa.

Do ponto de vista político, todas as vantagens estão também do lado dos alemães. Todas as antigas divisões do país desapareceram, evanesceram, diante do grande triunfo da Alemanha unitária. Os alemães estão cheios de entusiasmo, todos unidos no mesmo sentimento de vaidade e alegria patriótica. Esta guerra tornou-se para eles uma guerra nacional. É a raça germânica que, após tantos séculos de humilhação, está finalmente tomando seu lugar na Europa como Império dominante, quer destronar a França... Estejam certos de que os próprios trabalhadores alemães, enquanto protestam seus sentimentos internacionais, não podem se proteger contra as invasões deste contágio patriótico, desta praga nacional. Este entusiasmo que beira a loucura pode se tornar um perigo imenso para o Rei da Prússia se ele voltar derrotado, ou mesmo, após vitórias estereis, voltar de mãos vazias - se ele não arrancar da França a Lorena e a Alsácia, se ele não a

aniquilar e reduzir ao estado de vassalo da Alemanha. Mas nesse momento, é incontestável que esta exaltada disposição dos espíritos na Alemanha é de imensa ajuda para ele, permitindo-lhe extorquir dos alemães todos os soldados e todo o dinheiro de que possa necessitar para levar a bom termo suas vitórias e conquistas.

Na presença desta exaltação germânica, qual é a disposição das mentes na França? - É o abatimento, o desencorajamento, uma prostração completa. É o estado de sítio em toda parte, em toda parte as populações enganadas, incertas, inertes, paralisadas, acorrentadas...

Neste momento supremo em que a França só pode ser salva por um milagre de energia popular, Gambetta e companhia, sempre inspirados por seu patriotismo inseparável de seu burguesismo, permitem a esta turba Bonapartista, que detém o poder e toda a administração em suas mãos, matar de vez o espírito público na França. Gambetta e companhia, sempre por patriotismo, estão entregando a França ao inimigo.

Sente-se o desgosto, dá ânsia de vômito quando se lê as mentiras oficiais e as expressões do patriotismo hipócrita dos funcionários franceses. Aqui está o que li ontem na Gazzetta di Milano:

Paris, 25 de agosto - O Prefeito do Departamento de Marne anuncia que a parte setentrional do círculo de Vitry está ocupada pelas forças prussianas. Foram dadas ordens para se opor à marcha do inimigo por todos os meios possíveis. O patriotismo das populações também se une à execução das medidas prescritas, que serão dirigidas pelos oficiais de engenharia - etc, etc.

Assim, aqui é aonde chegamos: o prefeito de um departamento, abandonado pelo exército de Mac-Mahon, frente à invasão de 200.000 prussianos - declara que tomou medidas para deter este formidável exército - e que o patriotismo das populações também ajuda um pouco na execução das medidas enérgicas que ele acaba de prescrever!



Se não é uma bobagem desprezível, nojenta e desavergonhada!

Apesar da evidente inferioridade dos dois exércitos franceses, teria havido uma maneira segura de deter o inimigo e não permitir que ele se aproximasse nem mesmo das muralhas de Paris. Se alguém tivesse realizado o que os jornais de Paris haviam dito no primeiro momento de desespero; se, assim que a notícia dos desastres franceses tivesse chegado a Paris, em vez de proclamar o estado de sítio de Paris e de todos os departamentos do Leste, se tivesse provocado o levante em massa das populações desses departamentos, se não se tivesse feito dos dois exércitos o único meio de salvação, mas dois pontos de apoio para uma formidável guerra de partidários, de guerrilheiros, de bandidos e bandidas se fosse necessário - se todos os camponeses, todos os operários, tivessem sido armados, dando-lhes foices na falta de fuzis - se os dois exércitos, deixando de lado toda a morga militar, tivessem se colocado em relações fraternais com os corpos francos inumeráveis que se levantariam ao apelo de Paris, para se apoiarem mutuamente, então, mesmo sem a ajuda de todo o resto da França, Paris seria salva, ou pelo menos o inimigo seria detido por tempo suficiente para dar os meios a um governo revolucionário para organizar forças formidáveis.

Mas, em vez de tudo isso, o que vemos ainda hoje, na presença de um perigo tão terrível? Você sabe que, já há algum tem-

po, os jornais reacionários, como o *La Liberté*, vêm clamando pela abolição da lei que proíbe o livre comércio de munições e armas, tornando-o um monopólio que o governo concede apenas a alguns homens privilegiados e seguros. Estes jornais diziam, com razão, que esta lei, que tinha sido ditada pela desconfiança e que tinha apenas um propósito, o de desarmar o povo, tinha como consequência: a inferioridade das armas, a ausência de armas e a extrema falta de costume do povo francês ao manuseio de armas. Um deputado da esquerda, Ferry, tendo proposto um projeto de lei, abolindo esta tão desastrosa restrição da liberdade comercial, a Comissão do Órgão Legislativo, nomeada como todas as comissões pela maioria Bonapartista, recomendou à Câmara que rejeitasse a proposta de Jules Ferry. Este é o espírito que os anima ainda hoje... Não é óbvio que eles têm a traição em seus corações?

Vou resumir esta parte da minha carta. De tudo o que acabo de dizer e provar, resulta evidentemente:

Primeiro: que os meios regulares, que os exércitos regulares não podem mais salvar a França.

Segundo: Que ela não pode mais ser salva, exceto por uma sublevação nacional.

Em minha terceira carta, provarei que a iniciativa e a organização do levante popular não podem mais pertencer a Paris, que isso só é possível nas províncias. #